



Lua Nova

ISSN: 0102-6445

luanova@cedec.org.br

Centro de Estudos de Cultura Contemporânea  
Brasil

Mesquita Benevides, Maria Victoria de  
Raymundo Faoro, nosso amigo  
Lua Nova, núm. 58, 2003, pp. 5-7  
Centro de Estudos de Cultura Contemporânea  
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=67313612002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## **RAYMUNDO FAORO, NOSSO AMIGO**

*MARIA VICTORIA DE MESQUITA BENEVIDO*

Modéstia à parte, Raymundo Faoro foi um dos nossos. O conselheiro autor de *Os Donos do Poder* era, sim, “da casa”: mestre, crítico, conselheiro, colaborador, amigo de todos nós, os pais (e mães!) fundadores continuadores do CEDEC.

Pouco presente em pessoa, era uma referência constante; o grande historiador, jurista e sociólogo, mas também o publicista notável, que sempre acompanhou, com sua pena certeira e suas intervenções públicas, a política da nação. É bem conhecida sua brilhante atuação quando presidente do Conselho Federal da OAB (1977-1979). Aliás, a OAB adquiriu um prestígio extraordinário, como fonte e voz da sociedade civil, graças a ele. Tornou-se um dos principais representantes dos que lutaram contra a ditadura, sendo interlocutor dos políticos e dos militares, que nele reconheceram um homem sério lúcido, corajoso e livre de qualquer projeto político pessoal. Sempre ficou claro, para todos que o conheciam, sua completa falta de ambição a cargos e honrarias. É importante destacar este dado de sua personalidade, que não foram poucos os que atribuíram ao seu dinamismo à frente da OAB e a seus objetivos políticos menos nobres, como ser nomeado ministro da Justiça ou membro do STF num futuro governo democrático. Os fatos provam que ele não quis, nem abandonou suas trincheiras de luta contra os arrivistas da “transada”.

Quando Luiz Inácio da Silva foi à sua casa convidá-lo para ser candidato a presidente (campanha de 1989), Raymundo recebeu-o de braços abertos e adega farta (gostava muito do líder petista, com quem manteve relações de mútua admiração e amizade até o fim). Mas ponderou: “Lula, sou um homem preguiçoso e amante das boas coisas da vida. Aceitaria, de bom grado, uma embalagem em Viena...desde que vitalícia”.

Apesar de participar, junto com Mino Carta, seu fraternal amigo, de algumas revistas *IstoÉ/Senhor*, *Carta Capital* e do excelente e efêmero *Jornal*

*República*, era pouco presente em São Paulo. Detestava deixar o Rio Janeiro, onde morava – com fino gosto (e entre montanhas de livros e vinhos de teatro) –, debaixo do Cristo Redentor, com quem, dizia, muitas vezes “acertava as contas”, o coração pesado de *ira et studio*. O bairro chamado Cosme Velho, escolhido como se Raymundo Faoro quisesse também os bucólicos de seu querido Machado, sobre o qual escreveu a obra *Memórias Machado de Assis: A Pirâmide e o Trapézio* (livro pouco lembrado, o que é uma lástima). Aliás, como o velho bruxo, Raymundo tinha o horror das “medalhões”. Aceitava nossos convites, no CEDEC ou na USP, mas avisava: estão proibidas as louvações.

A ele o CEDEC muito deve. Seu empenho entusiasmado garantiu, por exemplo, o primeiro grande Seminário da Abertura no Brasil, em junho de 1979, com apoio da OAB e patrocínio da Fundação Ford. Organizado em conjunto CEDEC-CEBRAP (sob a minha afilhada e orgulhosa coordenação, culpem-me a vaidade) e realizado na PUC da reitora Nadir Kfouri, este seu seminário *Direito, Cidadania e Participação* (depois publicado pela editora T. A. Queiroz) reuniu intelectuais e políticos de todo o país e dos EUA, todos comprometidos com a instauração de um Estado de Direito Democrático. Foi um grande sucesso de público e de imprensa e um marco decisivo na história do CEDEC. A partir de então, nosso pequeno Centro consolidou sua credibilidade para várias empreitadas, conseguindo apoios acadêmicos e financeiros no país e no exterior. Daí também se consolidaram projetos relevantes para a identidade do Centro, em torno da cidadania, dos direitos humanos, da reforma política, dos movimentos sociais.

Raymundo Faoro colaborou em diversas outras ocasiões com o CEDEC, ora como avalista de projetos, ora como crítico interlocutor de seminários ou textos, dentre os quais destaco os debates sobre a Constituição que queríamos nacional, livre e soberana. Foi acompanhando esses debates que Raymundo Faoro escreveu, convidado por Caio Graco, o belo ensaio *Assembléia Constituinte, a legitimidade recuperada* (1986).

Participou, igualmente, de nossas publicações; destaco um original artigo sobre liberdade de imprensa em nossa primeira revista, a *Revista de Cultura e Política*, e uma instigante entrevista para *Lua Nova* (“A democracia que queremos”, no número 5, de 1985).

Apreciava, com evidente espírito de argumentação clássica, o debate intelectual de alto nível e assim integrou bancas examinadoras da Universidade: de Carlos Guilherme Mota, de Gabriel Cohn, de Paulo Sérgio Pinheiro, de Marco Aurélio Nogueira e de Kátia Mendonça, entre outros. O Weberiano ilustre, da tese de Gabriel gostava de dizer que podia figurar entre o que de melhor se escreveu sobre Max Weber... na Alemanha! (Escreveu,

#### RAYMUNDO FAORO, NOSSO AMIGO

apalavrado para participar da banca de Marco Aurélio Garcia, mas, como sabe, a política vem adiando a defesa do Marco).

Sua figura imponente de origem vêneta (quase dois metros de altura) e o tom muito grave da voz podiam intimidar o recém-chegado. Mas logo percebia que a imensa cultura não atrapalhava o formidável *wit*, o sensível humor inigualável, a começar pelo riso sobre si próprio: “Não tenho a eleição do patriciado paulista, sou um simples gaúcho de Vacaria. Aprendi a ler nos clubes masculinos de Porto Alegre, inglês porque me deslumbraram com Shakespeare, sobretudo as peças políticas, e francês... bem, francês apreendi com as fábulas de La Fontaine, e falo como um animal”.

Por iniciativa de Carlos Guilherme Mota foi o primeiro professor visitante do IEA da USP, onde desenvolveu um estudo original publicado com o título *Existe um pensamento político brasileiro?* Gostava do ambiente da Faculdade, mas me dizia, docemente irônico, para eu não me preocupar com a CEDEC estaria sempre em primeiro lugar.

É difícil encontrar um personagem de tal envergadura – tão “velho da República” – e que seja, ao mesmo tempo, tão simples e generoso. Mesmo, o ilustre Raymundo Faoro foi, sem pieguice, um homem bom, homem de generosidade pessoal e intelectual, *fortiter in re, suaviter in modo*. Antônio Cândido disse, certa vez, referindo-se a Fernando de Azevedo: “um grande intelectual não será, necessariamente, um grande homem público e que seu mestre Azevedo fora ambos. Podemos dizer o mesmo de meu mestre e amigo Raymundo Faoro.

\*\*\*

Raymundo Faoro foi um gaúcho-italiano à moda antiga, que temia uma boa briga nem cultivar os inevitáveis inimigos, mas mantinha sempre a exigência de honra, lealdade e caráter que, segundo ele, bebera no leite materno (as histórias que contava sobre a mãe Maria Luiza dariam romance de Érico Veríssimo). Pode ter sido, por isso, mal compreendido por alguns adeptos da modernidade deslumbrada e do “politicamente correto”. Tudo isso é bobagem. Raymundo Faoro foi, simplesmente, um homem bom, inteligente e encantador.

Uma saudade danada.

**MARIA VICTORIA de MESQUITA BENEVIDES** é... Modéstia à parte, Maria Victoria é uma das no

## **RESUMOS/ABSTRACTS**

### **RAYMUNDO FAORO, NOSSO AMIGO**

*MARIA VICTORIA DE MESQUITA BENEVIDES*

Fundadora e participante de primeira hora do CEDEC evoca a figura do grande intelectual morto recentemente.

Palavra-chave: Faoro, Raymundo.

### **RAYMUNDO FAORO, OUR FRIEND**

*A founder and longtime member of CEDEC evokes the figure of the recently deceased great intellectual.*

*Keyword: Faoro, Raymundo*